

Análise do poema *Morte do leiteiro* de Carlos Drummond de Andrade ¹

Graziela Inês Jacoby ²

1. Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entrega-lo cedo.
5. Há no país uma lenda,
que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas,
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
15. e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

20. Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador na Rua Namur,
25. empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
É já que tem pressa, o corpo
30. vai deixando a beira das casas
uma apenas mercadoria.

- E como a porta dos fundos
também escondesse gente
quando aspira ao pouco de leite
35. disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
sem fazer barulho, é claro,
 40. que barulho nada resolve.

- Meu leiteiro tão sutil,
de passo maneiro e leve,
antes desliza que marcha.
É certo que algum rumor
45. sempre se faz: passo errado,

- vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que acorda,
50. resmunga e torna a dormir.

- Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada
O revólver da gaveta
55. Saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
Liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
 60. se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

- Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
65. Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve para furtar
a vida de nosso irmão.

- Quem quiser que chame médico,
70. Polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar,
 75. mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.

- Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
80. escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
 85. suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora. ³

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o poema *Morte do Leiteiro*, de Carlos Drummond de Andrade, publicado na obra *A Rosa do Povo* em 1945. A análise do poema será feita observando-se – a partir de elementos formais e temáticos – aspectos que remetem à reflexão da existência humana e a alguns problemas sociais da época de produção do referido texto.

PALAVRAS-CHAVE: Homem, casualidade, espaço urbano.

INTRODUÇÃO

Carlos Drummond de Andrade pertence à segunda fase do modernismo brasileiro e de acordo com Alfredo Bosi (1989:493) “foi o primeiro grande poeta depois das estréias modernistas”. Em 1945, paralelamente ao término da Segunda Guerra Mundial, do desenvolvimento do nazi-facismo, da ditadura de Getúlio Vargas e do progresso técnico, mecânico e científico, Carlos Drummond de Andrade publica *A Rosa do Povo*. Achcar (1993:12) atesta que, nessa obra, pode-se observar “o envolvimento do autor na problemática social, através da atitude de denúncia e revolta diante das injustiças sociais, assim como da expressão de uma esperança utópica, de fundo socialista”. Achcar (Id.:15) ainda afirma que outro núcleo temático abordado em *A Rosa do Povo* é “a tentativa de interpretação do ‘estar no mundo’, do ‘estar aqui’, sobre o que há ‘no meio do caminho’”.

Seguindo esses eixos temáticos, encontra-se o poema *Morte do leiteiro*, o qual é objeto de estudo do presente artigo. Assim, é feita, inicialmente, a análise formal do poema, seguida de uma análise semântica. Após, com base nessas análises, é proposta uma interpretação. Parte-se da premissa de que o poema *Morte do leiteiro* trás uma reflexão acerca da existência humana, apresentando a tragicidade dos fatos, enquanto denuncia alguns problemas sociais.

A BUSCA PELA INTERPRETAÇÃO

Quanto à forma de *Morte do leiteiro*, pode-se destacar o uso de uma linguagem coloquial, um tom narrativo e a representação do cotidiano. Nesse sentido, Candido (1995:128) afirma:

A poesia social de Drummond deve ainda a sua eficácia a uma espécie de alargamento do gosto pelo cotidiano[...] Ora, a experiência política permitiu transfigurar o cotidiano através do aprofundamento da consciência do outro. Superando o que há de pitoresco e por vezes anedótico na fixação na vida de todo dia, ela aguçou a capacidade de aprender o destino individual.

Em relação à narratividade, Sussekind (1987:11) refere que, para Drummond,

o seu trabalho como cronista de jornal foi uma peça fundamental na formação desse pacto de não estranhamento de um modo de ver as coisas, o cotidiano, semelhante ao de qualquer leitor potencial de jornais em que trabalhou. Poeta com olhos de cronista, cronista com olhos de poeta [...]. A poesia-crônica não trabalha com cortes, mas sobretudo com reestruturações. Daí a aproximação da linguagem da prosa e do coloquialismo do texto e do jornal [...]. Drummond escolhe a ampliação e o estreitamento dos laços com o leitor. Daí a literatura em estado de crônica. Daí o uso consciente de dispositivos jornalísticos, do cimento da prosa.

Partindo desses comentários, infere-se que o poema, em forma narrativa, de representação do cotidiano e de linguagem coloquial, aproxima o leitor do poeta e de sua obra. O poema *Morte do Leiteiro* tem como base o discurso narrativo, pois há o relato de fatos seguindo uma ordem cronológica e causal. As categorias narrativas podem ser observadas: a apresentação (v.01-50), complicação (v.51-78) e resolução (v.78-88). Há também a presença de recursos lingüísticos próprios da narração, como verbos de ação: *correndo* (v. 09), *acordou* (v.14); elementos circunstancializadores: *de madrugada* (v. 08) e *mais frio e mais alvo* (v. 16/17); e elementos da forma narrativa: o fato – morte do leiteiro; personagens – o leiteiro e o assassino; tempo – presente; espaço – no bairro de uma cidade; narrador – 3ª pessoa.

O fato de o narrador / sujeito-lírico estar em terceira pessoa transmite a idéia de afastamento, ele torna-se um espectador dos acontecimentos. A presença de adjetivos, como *branca* (v. 20) e orações subordinadas adjetivas, como *então o moço que é leiteiro* (v. 07), criam uma imagem fotográfica para o leitor que participa, com o narrador / sujeito lírico, da expectativa.

Os verbos no presente fazem com que a história tenha mais tensão, o que, somado à presença de períodos longos, sugere a idéia de movimento, continuidade.

O poema é composto de oitenta e oito versos que se distribuem em dois sextetos, duas novenas, uma décima e estrofes longas: uma de onze versos, duas de doze versos e uma de treze versos.

As estrofes não apresentam uma métrica regular, mas apresentam, na sua maioria, versos heptassílabos e octossílabos. A exceção ocorre na primeira estrofe, que possui uma métrica regular. ER: 8 (1-4-8) e 8 (1-3-5) distribuídas seguindo uma seqüência.

Na primeira estrofe, observa-se, primeiramente, a antítese e o paralelismo dos vocábulos *pouco leite* (v. 01) e *muita sede* (v. 03), que podem, por isso, ter sua carga semântica ampliada. Levando-se em conta o contexto das frases onde se encontra, o *leite* representa alimento, vida e dignidade. A *sede* passa a ser de alimento, de justiça, igualdade e liberdade. O uso do verbo do saber “é”; do modalizador *preciso* (v. 2/4) e o paralelismo dos versos dois e quatro, onde se encontra, acentua a idéia da necessidade da urgência de que se resolva a falta de *leite* e o excesso de *sede*. A antítese entre *pouco leite* e *muita sede* revela a tamanha deficiência em que o país se encontra. O paralelismo dos versos um e três, e a anáfora do verbo *há* (v. 01/03/05) sugerem eco, ampliação e confirmação da falta de *leite* e do excesso de *sede*. O verso *Há no país uma legenda* (v. 05) foge do sentido explicativo que o restante da estrofe possui – “Há pouco leite ... [por isso] é preciso...” – e passa a ser a afirmação de uma regra social, no caso: *que ladrão se mata com tiro* (v. 06). Esse verso enfatiza a violência que há no país. O ritmo acelerado da estrofe é causado pela alternância de sílabas fortes e fracas – lembrando que essa estrofe possui um esquema rítmico regular –, pelo paralelismo e pela aliteração do “s”, o que lembra o ritmo de pessoas com pressa, de movimento e do barulho da urbe durante o trabalho.

Na segunda estrofe, há um choque entre duas classes sociais. A classe do proletariado vive com esforço e trabalho árduo. O fato de o leiteiro acordar cedo, sair de madrugada (v. 08), correndo (v. 03) do último subúrbio (v. 15), remete para a quantidade de esforços os quais ele se submete para realizar seu trabalho. A classe dominante que receberá o leite, como sugere o verso 10, é formada por pessoas ruins, sem caráter, o que é acentuado pela antítese entre *bom* e *ruim* (v. 10) e pela qualidade do leite (v. 16/17). Alguns descansam, enquanto outros se esforçam para servi-los. Os versos 18 e 19 remetem para uma importante conclusão: a comida, o apoio espiritual, representado pelo *leite*, dá a *força* (v. 18) necessária para estar na *luta brava da cidade* (v. 19). As necessidades pelas quais o homem passa, agora, são impostas também pelo urbano massacrador. Uma característica relevante da estrofe é a assonância da vogal “a”, como nos versos 8, 11, 12, 17 e 19, o que, somado à presença de períodos longos e verbos no gerúndio, que transmitem a idéia de movimento, faz com que a estrofe tenha uma musicalidade particular. Esses recursos sugerem a sucessão de passos rápidos – do leiteiro – e do barulho causado por eles e pelo material de trabalho usado na entrega do leite, como latas e garrafas, o que é afirmado pela personificação ocorrida nos versos 11 a 13.

Na estrofe três, a personificação ocorrida nos versos 20 e 21, quando à garrafa é atribuída voz, contribui para o narrador/sujeito-lírico expor, novamente, a pressa do entregador de leite. Nessa estrofe, encontram-se características do leiteiro (v. 23-26) e algumas informações sobre sua origem, levando-se em conta que a concisão é uma característica da lírica. A falta de estudo do leiteiro, apesar da idade, é evidenciada no vocábulo *ignaro* (v. 23), e merece destaque. Os versos 27 e 28 apontam para a necessidade espiritual do moço (v. 23) que não conhece a compreensão porque, no mínimo, nunca a tenham com ele. É possível observar ainda que não há comunicação entre o leiteiro e as pessoas que recebem seu leite, conforme sugere a ambigüidade da frase *o corpo/ vai deixando à beira das casas/uma apenas mercadoria* (v. 29-31). Pode-se entender tanto que ele deixa a mercadoria ao lado das casas, como que ele permanece à margem das casas e de seus donos. Além do leiteiro fazer um trabalho maquinal, inconsciente, automático, ele fica a “mercê” das casas da classe dominante, é um intruso, um mero servidor. Seguindo essas interpretações, Cauwe (1967: 130) contesta que os meios de comunicação

e a aproximação dos homens no espaço urbano nem sempre suprimiram o isolamento social, mas, muitas vezes, desenvolveram-no. O número e a facilidade das trocas não devem ser confundidos com sua qualidade; elas podem ser muito numerosos e, ao mesmo tempo, muito superficiais. Os homens se encontram, então, “isolados” na multidão, sem poderem, na verdade, compreender os outros profundamente e, sobretudo, se fazer compreender por eles.

Na quarta estrofe, a miséria e a disputa estão calcados nos versos 31 a 35. O *leite* é pouco e há, então, a briga pela sobrevivência. A carga semântica de *disponível* (v. 35) deve ser salientada, assim, não só há falta de leite – recupera-se o sentido de *leite* da primeira estrofe –, como também uma má distribuição desse, sendo que alguns não chegam a ter acesso a ele. Nos versos 36 a 38 há uma adesão do leitor e do narrador/sujeito-lírico à história ao ser usado o verbo em primeira pessoa do plural. O paralelismo desses verbos sugere encadeamento dos fatos, tornando-os rotineiros e acelerados. À frase *avancemos por este beco* (v. 36), se considerarmos beco “uma situação difícil” como sugere Luft (1997: 81), pode-se fazer alusão à difícil situação do leiteiro. Nos versos 39 e 40, tem-se o leiteiro, apesar da pressa e da sua automatização, cuidadoso para não fazer barulho, o que mostra o seu profissionalismo.

Nos três primeiros versos da quinta estrofe, há repetição de ditongos em *l/ei/teiro* (v. 41) e *man/ei/ro* (v. 42) e o uso de vogais e consoantes de tom leve

como em /m/a/rcha (v. 43). Esses recursos confirmam a leveza, a descrição do entregador de leite conforme sugere *sutil* (v. 41) *leve* (v. 42) *desliza* (v. 43). A frase do versos 44 e 45 sugere que o ser humano não é perfeito, mas a expressão *passo errado* (v. 45) evidencia a cobrança das pessoas em busca pelo “não erro”. No entanto, quando aparece *um vaso de flor no caminho* (v. 46) – lembra-se aqui que Drummond foi o autor de *No meio do caminho*, poesia lançada ao público em 1928, e onde, segundo Achcar (1993:8), as pedras fazem alusão às dificuldades encontradas no meio do caminho da vida- , que sugere uma dificuldade que surge casualmente, há conseqüências independentemente de nossa vontade ou aceitação. O barulho – sugerido pela rima entre *rum/or/* (v. 44) e *fl/or/* (v. 46) – , causado pela colisão do leiteiro com o *vaso de flor*, desperta animais e quebra a regularidade de ações. A impaciência do Homem urbano, afirmado nos versos 49 e 50, é confirmado por *há sempre* (v. 49).

A sexta estrofe inicia com a conjunção adversativa, *mas* (v. 51). Segundo Koch (1995: 35), esse operador coloca em oposição argumentos orientados para conclusões contrárias. Na estrofe anterior, viu-se que quando o leiteiro faz barulho, ao distribuir o leite, *há sempre um senhor que acorda/ resmunga e torna a dormir* (v. 49/50), o que constitui um fato favorável à conclusão: apesar de tudo, há harmonia entre o leiteiro e os homens de sono. No entanto, surge o operador “mas” que quebra a expectativa levantada anteriormente, anulando-a; é introduzido, então, um fato contrário que é o *pânico* (v. 51) com que acordou um morador. Há a quebra do equilíbrio do ambiente. Nos versos 50 e 51 encontra-se pressuposto que os moradores vivem com um certo medo de assalto, pois qualquer rumor é motivo de desconfiança. Isso também é possível de perceber nos versos 54 e 55, que mostram o morador protegido por um revólver em casa, o que denuncia insegurança e medo. Seguindo o caminho dessa conclusão, surge nos versos 51 a 55 um impulso por parte do personagem em pânico, há não só a certeza de que quem faz o barulho é um ladrão, como também de que não importa quem, como ou porque é ladrão, o que importa é que ele deve ser detido. A maneira usada para isso reaparece em *Ladrão! se pega com tiro* (v. 56), um eco de *que ladrão se mata com tiro* (v. 06). A violência da sociedade é percebível. Pereira (2000:244) afirma que

havia na literatura da época uma tentativa de compreensão de uma realidade social dos excluídos como uma tentativa de reação da classe média urbana às ameaças criadas pelas crescentes desigualdades sociais: assaltos, seqüestros e assassinatos. Neste aspecto a ficcionalização literária da época pode ser

compreendida como uma ressimbolização da emergente violenta realidade dos confrontos sociais no submundo das grandes cidades.

Nessa estrofe, tanto o revólver (v. 54) como tiros (v. 57) tomam o papel de sujeito das orações a que pertencem, o que expõe a irracionalidade, a sujeição, a falta de ingerência do senhor em pânico, o verdadeiro sujeito da ação. A característica do sujeito da oração passa a ser do sujeito da ação. Ocorre, também, a adesão do narrador que até então era um mero espectador da história, com o *meu leiteiro* (v. 58). O narrador/sujeito-lírico assistia a situação diária do leiteiro, mas com afastamento, agora, no entanto, com a morte do leiteiro, ele aproxima-se do acontecimento, deixando transparecer comoção. Nos versos 59 e 60, ocorre o paralelismo da conjunção condicional “se” e do verbo no passado *era*, o que amplia a idéia de que a existência, a vida é incerta, frente à certeza da morte. As possíveis qualidades do leiteiro, ser noivo, bom... foram ignoradas pela irracionalidade dos *tiros na madrugada* (v. 56). A realidade ilumina-se no verso 62, quando o assassino vê seu erro e o narrador percebe o quanto ele estava “longe” de uma pessoa tão “perto”.

A estrofe sete também inicia com a conjunção adversativa *mas* (v. 63) que retoma os versos 49 e 50 e a conclusão chegada com eles, antepondo-se a expectativa criada: o *homem* (v. 63) não voltou a dormir. Este personagem, como aponta o verso 65, sente-se culpado, era um cidadão comum, que se transtorna e foge. Nos versos 66 a 68, sugere-se a ambigüidade de uma situação marcada pelo acaso – quando a bala que mata alguém que furta, acaba por furtar o direito à vida de alguém – que denota o sentido trágico dos fatos. O narrador/sujeito-lírico novamente insere-se na história, pois usa o pronome possessivo em primeira pessoa em *nosso irmão* (v. 68), o que amplia para outras situações “o furto da vida”.

No início da estrofe oito, o assassino foge da polícia: *quem quiser que chame médico, /polícia não bota a mão/ nesse filho de meu pai*; ele não vai prestar auxílio ao inocente baleado, pois preocupa-se com sua liberdade. Surge uma ironia: *está salva a propriedade* (v. 72). Em meio ao drama dos acontecimentos, aparece a causadora do assassinato. O “material” ficou intacto, enquanto um inocente perdeu a vida. O estado de espírito do narrador/sujeito-lírico diante do acontecimento, do contexto dos fatos e das pessoas é sugerido em *A noite geral prossegue/ a manhã custa a chegar* (v. 73/74). A noite representa o transtorno, a tristeza que persiste, a falta de perspectiva, a falta de esperança, pois não se vê a luz da manhã. A antítese entre *noite* e *manhã* sugere que, assim como o tempo, a criminalidade passa sem importância. No verso 75 o *mas* anula a expectativa

de que, se é noite ainda há muito leite para entregar até amanhecer, porque o leiteiro parou de entregar o leite, *perdeu a pressa que tinha* (v. 77) por uma casualidade da vida. Diante da pressa do homem, está o *vaso de flor no caminho*, o inesperado, a imobilidade diante da morte, a ironia do acaso, que é acentuada se for considerado um dos significados de Luft (1997:385) para leiteiro: "que tem muita sorte".

Na estrofe final, a vida do leiteiro está acabada, como sugere *garrafa estilhaçada* (v. 78). A manhã se aproxima calma e tranqüila, a paisagem retoma a harmonia, conforme sugere os versos 78 a 82. *Por entre objetos confusos* (v. 82) está a vida, representada pelo leite, e a morte, representada pelo sangue. O paralelismo do pronome e dos verbos *se procuram/ se tocam / se enlaçam* (v. 84-86) sugere o encontro de duas cores, do sangue e do leite, assim como da vida com a morte. Em meio à vida e à morte, está a aurora - cor formada pelo vermelho sangue em mistura ao branco leite - , "a juventude" conforme Luft (1997:65) e os "vasos de flor no caminho".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise formal e semântica de *Morte do leiteiro*, foi possível fazer uma interpretação do poema. O uso de elementos que caracterizam um texto narrativo, a linguagem coloquial, a aliteração e a assonância fazem com que o poema tenha uma musicalidade particular. Essa musicalidade sugere movimento, o que, somado à imagem fotográfica criada para o leitor através dos substantivos e adjetivos, faz com que o leitor acompanhe mentalmente o percurso do leiteiro e assista à casualidade trágica ocorrida com ele.

Seguindo a interpretação alcançada, conclui-se que Carlos Drummond de Andrade usou muitos recursos para denunciar o desencontro do Homem urbano, a violência, a desconfiança e a precariedade da situação econômica do país na época de produção do poema analisado. Paralelamente à crítica aos problemas sociais e ao homem moderno, o poema expõe, também, uma visão do que é a vida, a que ela se resume, o quanto ela é incerta diante da morte, e o que sabemos, ou achamos saber, dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHCAR, Francisco. *A Rosa do Povo e Claro Enigma: roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1993.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Record, 1945.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Inquietudes na poesia de Drummond*. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1985.

KOCH, Ingedore Villaça. *A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1995.

LAUWE, Chombart de. *A organização social no meio urbano*. In: _____. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

LUFT, Celso Pedro; BASCATO, Lenira. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 1997.

PEREIRA, Carlos Alberto (Org.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SUSSEKIND, Flora. *Um poeta invade a crônica*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 ago. 1987.

WEBER, Max. *Conceito e categorias de cidade*. In: _____. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

NOTAS

1. Trabalho apresentado à disciplina de Técnicas de Pesquisa em Letras, como quesito parcial de avaliação, sob orientação da professora Raquel Trentin.
2. Estudante do 2º semestre do curso de Letras.
3. Poema retirado de ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Record, 1945.